


REVISTA DE LA INICIACIÓN
DE LA VIDA DE LA INICIACIÓN

educação libertária

São Paulo / Rio de Janeiro • nº 2 • março de 2014



TEORIA E PRÁTICA
LIBERTÁRIAS
EM EDUCAÇÃO

Editora Imaginário

IEL
Instituto de Estudos Libertários

A EDUCAÇÃO LIBERTÁRIA

Hugues Lenoir

Não voltarei aos princípios da educação libertária já enunciados por Fernand Pelloutier em 1876, e aplicados por Paul Robin, Sébastien Faure e a C.N.T. espanhola em suas múltiplas criações de escolas racionalistas inspiradas em Francisco Ferrer. Esses princípios, ainda retomados por Pierre Besnard em *Os Sindicatos Operários e a Revolução Social* e sempre atual, e essas experiências são conhecidas. Eu preferiria mostrar em que a reflexão e as práticas dos anarquistas em matéria de educação foram mais fecundas, mais duráveis e, sem dúvida, mais profundas do que a maior das vitórias militares no *front* de Aragão. Em minha opinião, essas experiências educativas, mais conhecidas do que as coletivizações agrícolas ou industriais, marcaram mais duravelmente a sociedade do que qualquer outra prática inspirada pela teoria anarquista, exceto, talvez, a ação direta em matéria sindical.

Observemos, contudo, que, qualquer que seja a época, a experimentação social ou a sensibilidade desses e dessas militantes, o anarquismo sempre se preocupou com educação e sempre a considerou como prioritária. Assim, ela aparece no transcurso dos textos e dos tempos como uma chave de transformação radical dos indivíduos e das sociedades. Objeto central da transformação ou da manutenção das sociedades, a educação está sempre no coração dos objetivos e dos conflitos sociais. Os anarquistas tiveram muito cedo plena consciência disso. Ela é um fato maior e insuperável. Os anarquistas não se enganaram com isso, a reação também não. Ante a Revolução social, a República inventa a escola laica e autoritária teorizada por E. Durkheim.¹ Para enquadrar e fidelizar suas juventudes e, assim, garantir sua perenidade, todas as ditaduras recorreram à “educação”, ou melhor, ao adestramento de massa, seja Mussolini, Stalin, as ditaduras africanas ou ainda hoje a China ou esse e aquele movimento islamita ou de liberação nacional. A educação está desde sempre, e para todos, no centro da espiral emancipação/submissão.

Para mim, a educação libertária foi a mais bela das vitórias, ainda que, sou obrigado a convir, reste muito caminho a percorrer até ao anarquismo, pois sua influência

foi constante e fértil. Ela é uma manifestação construtiva e permanente do anarquismo social. Essas proposições — outrora imorais e revolucionárias — irrigaram amplamente as reflexões e as práticas pedagógicas contemporâneas. Elas hoje entraram muito amplamente nos costumes, embora algumas delas ainda permaneçam marginais. Continuam a ser, por sinal, — o que demonstra seu caráter emancipador — combatidas por todos os talibãs do pensamento, ou ainda largamente pregadas, inclusive pela Unesco, quando se trata de ganhar, mesmo que muito pouco, em democracia. O que pensar da corrente da nova Educação sem as contribuições determinantes de Charles Fourier e Pierre-Joseph Proudhon? E da escola mista sem a militância de Paul Robin; e da higiene e da educação do corpo sem Francisco Ferrer? E ainda da emancipação pela educação sem as resoluções da A.I.T.? O que pensar de Freinet, Dewey, Rogers e de alguns outros sem as contribuições e as semeaduras do pensamento libertário em matéria de educação? É verdade, os anarquistas não foram os únicos a engajar o combate educativo, nem seus únicos iniciadores, outros progressistas juntaram-se a eles, mas nunca os anarquistas desertaram desse terreno de luta e suas contribuições foram a meus olhos decisivas.²

É por esse motivo que a educação libertária é, segundo meu ponto de vista, a mais profunda e a mais durável das vitórias alcançadas pelo anarquismo contra a sociedade autoritária pois ela fê-la recuar em inúmeros pontos. O pensamento educativo libertário foi, é verdade, em grande parte, absorvido, digerido pelo pensamento pedagógico oficial: recusa da violência e da onipotência do mestre, recuo da coa-

ção, pedagogia do projeto, vez da palavra e reconhecimento do outro, liberdade para aprender... Certamente ela perdeu em pureza e em radicalismo, a recuperação e a evolução dos costumes fizeram seu trabalho, mas a sociedade, ao recuperá-la, progrediu por inteiro e o autoritarismo e o paternalismo de outrora recuaram amplamente. Em consequência, malgrado a resistência dos conservadores de todos os tipos, os costumes e as práticas sociais são mais libertários que ontem, portanto mais civilizados. A educação foi seu vetor primordial.

Ao mesmo tempo, o pensamento educativo anarquista está, hoje, em muitos aspectos, superado (escola mista) ou admitido (pedagogia ativa). Trata-se, pois, simultaneamente, de fazer-lhe dobrar um novo cabo, tornar a dar-lhe vigor e radicalidade, e até mesmo renová-la a fim de que ela irrigue novamente as evoluções sociais. A forte reivindicação da autogestão pedagógica³ é sem dúvida uma das pistas possíveis. Na medida em que reivindicarmos a autogestão pedagógica, que a colocarmos em prática na e pela educação, o próprio termo adquire socialmente crédito, as práticas tendem ao possível, os modos de gestão e decisão enraizam-se nos atos e nos pensamentos. A autogestão torna-se uma realidade tangível, uma prática social partilhada, um lugar de exercício de uma cidadania restaurada: resta a deslocá-la do terreno da educação ao terreno socioeconômico... Não é fácil, não é certo, mas é possível. Desenvolvamos modos de ação e pensamento educativos em ruptura e confiemos nos indivíduos livres para difundir e impô-los no real social.

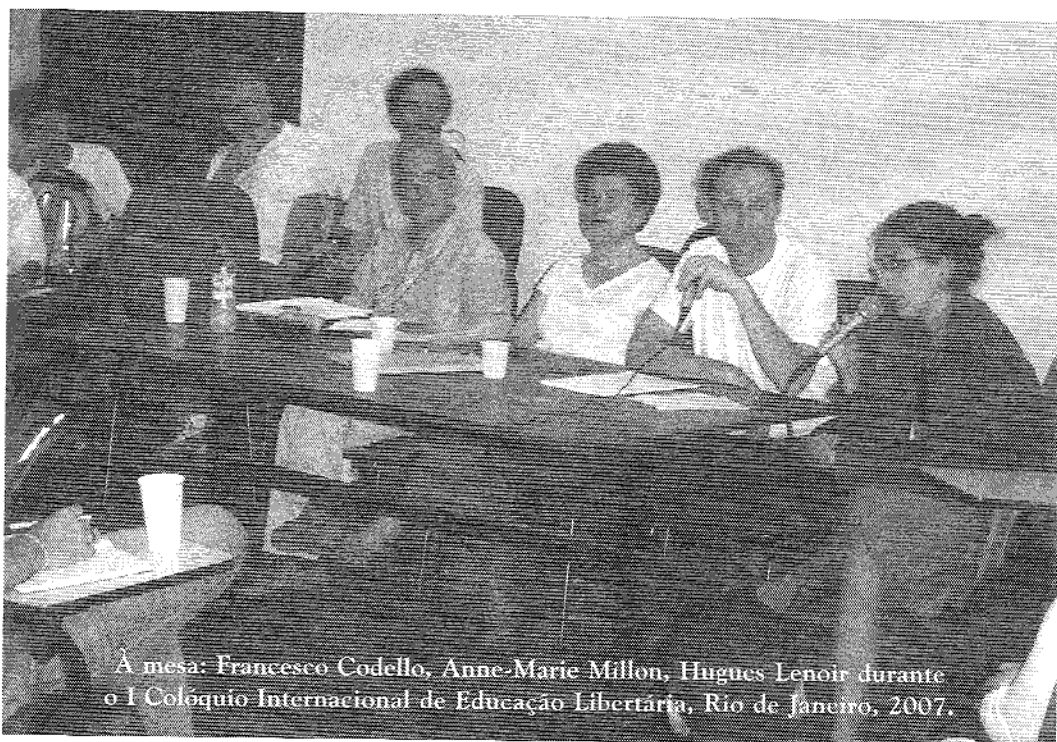
Que moral, como nossos "bons mestres" de ontem teriam feito, extrair dessa

história? A educação permanece o cão de guarda das sociedades autoritárias e religiosas; mas a educação também é, com ou sem recuperação, a alavanca das transformações sociais, o fermento do humanismo libertário. Eis por que nós anarquistas devemos continuar a trabalhar no campo educativo e tentar reforçar permanentemente esse florão do anarquismo revolucionário a fim de que ele deixe marcas profundas e fecundas no húmus social. A educação prepara a revolução; ela é um instrumento e uma forma do gradualismo revolucionário⁴ que praticamos sem saber. Ela também é, e nisso é essencial, um laboratório de ideias, um teste para os nossos princípios, uma experimentação de nossas práticas; em resumo, uma antecipação realizadora.

Notas:

1. Se a escola laica tinha por objetivo combater a revolução social, ela também visava, e ao mesmo tempo, combater o clericalismo.
2. Para persuadir-se disso, basta constatar, com algumas exceções, a pobreza da reflexão pedagógica da corrente socialista autoritária e constatar o espírito libertário que alimenta o pensamento dos autores citados.
3. Não se trata de uma prática radicalmente nova, bem conhecida no movimento Freinet ou pelos especialistas da pedagogia institucional, mas de uma reivindicação e de uma visualização reafirmadas.
4. Gradualismo revolucionário, ver "Spezzano Albanese: a experiência comunalista" in *O Bairro, a comuna, a cidade... espaços libertários*, Editora Imaginário, São Paulo, 2004.

Hugues Lenoir é pesquisador e professor de Ciências da Educação.
Ex-diretor do Centre d'Éducation Permanente da Universidade Paris X - Nanterre.



A mesa: Francesco Codello, Anne-Marie Millon, Hugues Lenoir durante o I Colóquio Internacional de Educação Libertária, Rio de Janeiro, 2007.